

## FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA UNESC (FES/UNESC)

Dimas de Oliveira Estevam – UNESC; Joelcy José Sá Lanzarini – UNESC; Giovana Coral Lanzarini – UNESC; Josiani Brognoli – UNESC; Marina Constante Pereira – UNESC.

[doe@unesc.net](mailto:doe@unesc.net); [joeley@unesc.net](mailto:joeley@unesc.net); [giovana.coral@hotmail.com](mailto:giovana.coral@hotmail.com); [josibrog@hotmail.com](mailto:josibrog@hotmail.com); [mariinaconstante@hotmail.com](mailto:mariinaconstante@hotmail.com)

Agência financiadora: Edital de Extensão nº 21/2013 – Unacsa/Unesc

### GT 2 – Redes e Organizações Solidárias

#### Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar os resultados de um projeto de extensão, vinculado ao Paes/Unesc (Programa de Ações em Economia Solidária da Universidade do Extremo Sul Catarinense). O projeto tem por objetivo fortalecer a Feira de Economia Solidária da Unesc (FES-UNESC) e possibilitar a sua continuidade. A FES/Unesc é realizada semanalmente desde 2011 no Campus da Unesc. Para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, uma vez por mês é realizado o Fórum para avaliar o andamento da feira e discutir outros assuntos pertinentes a Economia Solidária.

**Palavras-chave:** Economia Solidária; Cooperação; Feiras.

#### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a finalidade de apresentar as atividades realizadas de um projeto de extensão em andamento vinculado ao Paes/Unesc. As informações contidas neste trabalho são resultados dos trabalhos realizados durante o ano de 2014 e primeiro semestre de 2015. Dentre as atividades desenvolvidas pelo Paes/Unesc tem-se o projeto da Feira de Economia Solidária da Unesc (FES/Unesc) que é realizada desde 2011 no campus da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), localizada na cidade de Criciúma, região Sul de Santa Catarina. A FES/Unesc tem o apoio da Instituição, através de um projeto de extensão aprovado pelo Edital de Extensão nº 21/2013 – Unacsa/Unesc.

A FES/Unesc tem por objetivo contribuir para a construção de formas alternativas de mercado, que visem o “encurtamento da cadeia produtiva” da agricultura familiar e do artesanato, proporcionando aos agricultores familiares e artesãos a valorização de seus produtos e na construção de uma relação mais justa e solidária entre consumidores e produtores.

Cabe ressaltar que a FES-Unesc ocorre todas as quartas-feiras, no Campus da Unesc, das 14 às 22 horas. A sua constituição foi uma iniciativa de vários de projetos de extensão desenvolvidos pelos professores vinculados ao Paes nos últimos oito anos. Antes de iniciar o processo de implantação permanente da FES/Unesc foram realizadas duas

Feiras de Economia Solidária no campus da Unesc, respectivamente em 2011 e 2012. Nestas duas versões participaram cinco cooperativas descentralizadas de agricultores familiares e seis associações de artesões. Estas Feiras tinham por objetivo mobilizar e conscientizar feirantes, comunidade acadêmica e as organizações de economia solidária da região sul catarinense sobre a necessidade de criar espaços de comercialização dentro e fora da Instituição que levassem em conta os princípios da economia solidária.

Além destas duas Feiras iniciais, outras tiveram o incentivo e a participação do Paes, dentre as quais se destaca as feiras na Praça de Criciúma, realizadas em 2011 e 2012 pela Cáritas diocesana, a Feira Agroponte (Feira do Agronegócio e Agricultura Familiar) que acontece anualmente, desde de 2011, que conta com o apoio da Epagri (Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina), além de várias outras feiras municipais.

O Paes/Unesc desde a sua fundação tinha por objetivo a criação de uma feira permanente no Campus que foi sendo concretizado por meio de fomento de projetos de extensão da Unesc, entre os anos de 2010 a 2015. Especificamente, em 2013, através um projeto de extensão aprovado pelo Edital nº 26/2012 da Unesc e que tem continuidade através de projeto aprovado pelo Edital de Extensão nº 21/2013 Unesc (ainda em vigência), finalmente a Feira permanente pode ser implantada no Campus.

O objetivo do artigo é apresentar os resultados de um projeto de extensão as em andamento sobre a FES/Unesc. Sobre os objetivos específicos, o artigo discute os espaços de produção e comercialização através de empreendimentos de economia solidária, bem como, discorre sobre a criação e o funcionamento da FES/Unesc e do Fórum de Economia Solidária da UNESC.

Em relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que realizou a descrição sobre a natureza do fenômeno social caracterizado pela implantação e funcionamento da FES/Unesc. As informações foram obtidas através de fontes secundárias por meio de relatórios de atividades, atas de reuniões e publicações em jornais e sites. Trata-se de um estudo de caso, tipo de pesquisa mais adequada para estudos microsociais, por permitir o entendimento minucioso das relações sociais (YIN, 2005)

Além da introdução, o artigo discorre ainda sobre economia solidária e formas alternativas de produção e comercialização de produtos da agricultura familiar e artesanatos; descreve a história e o funcionamento da Feira de Economia Solidária e do Fórum de Economia Solidária.

## **2. ECONOMIA SOLIDÁRIA: FORMAS ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO**

A economia solidária surgiu na Europa no século XIX, com o movimento operário, impulsionado por socialistas que buscavam melhores condições de vida aos trabalhadores, como alternativa aos problemas sociais gerados pela revolução industrial. Foi uma reação ao alarmante empobrecimento da classe operária decorrente da difusão de máquinas e da organização fabril da produção. Nesta época, já se percebia que a exploração nas fábricas não tinha limites legais, o que ameaçava a reprodução biológica do proletariado (SINGER, 2002).

Neste período, na Inglaterra, industriais mais esclarecidos começaram a pressionar governantes para criar leis protetoras para os trabalhadores. Com destaque para Robert Owen, todavia, suas ideias não foram aceitas, desiludido com o governo, foi para os Estados Unidos com a intenção de implantar aldeias cooperativas. No estado americano de Indiana, Owen fundou a primeira aldeia cooperativa experimental que se tem registro. A experiência não foi bem sucedida, mas serviu de inspiração para a criação de 18 comunidades semelhantes, naquele país (SINGER, 2002).

Inspirados nos ideais cooperativistas de Owen, seguidores de várias partes do mundo criaram sociedades cooperativas. A concepção cooperativista de Owen estava pautada na luta de classes, embora o owenismo fosse assumido, posteriormente pelo cooperativismo. Owen foi o primeiro a organizar o cooperativismo, enfrentou derrotas e fracassos, mesmo assim, continuou divulgando sua filosofia, como forma de reduzir a desigualdade e a pobreza. (MOTTA et al., 1987).

Esta foi à origem histórica da economia solidária, segundo Singer (2002), em sua fase inicial surgiu por meio do “cooperativismo revolucionário”. Estes são os vínculos entre a economia solidária com a crítica operária e socialista ao capitalismo. Desta maneira, não se pode negar que o cooperativismo recebeu a inspiração do movimento operário, “a partir da qual os praticantes da economia solidária foram abrindo seus próprios caminhos, pelo único método disponível no laboratório da história: o da tentativa e erro” (SINGER, 2002, p. 38).

Desta forma, Singer (2002), define economia solidária como sendo uma alternativa ao capitalismo, em que é possível produzir com base na cooperação e não na competição, em que os membros se associam para produzir, comercializar, consumir ou trocar. Neste sentido, a economia solidária compreende experiências diversas de produção,

consumo, crédito e comercialização, as quais se norteiam pelos princípios de cooperação, desenvolvimento sustentável, igualitarismo, democracia participativa e autogestão (LISBOA, 2004).

A Economia Solidária, segundo Singer (2002) possui finalidades que envolvem a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural. Isto porque, além da visão econômica de geração de trabalho e renda, a Economia Solidária se projeta no espaço público no qual estão inseridas, tendo como perspectiva a construção de um ambiente socialmente mais justo e sustentável.

Entretanto, para se construir esta “Outra economia”, se deve contar com a disposição de aprender e experimentar, da adesão aos princípios de solidariedade, da igualdade e de uma democracia, depende também da disposição das pessoas em seguir os seus princípios (SINGER, 2002). O diferencial e a novidade na economia solidária estão na ideia da solidariedade no centro da atividade econômica. Por isso, o termo solidariedade não se resume só a um adjetivo, trata-se do foco central, a lógica econômica (LISBOA, 2005).

Cabe destacar que foi nos últimos anos que a economia solidária ganhou mais força, isso decorrente da busca dos indivíduos no que diz respeito ao desenvolvimento de alternativas sustentáveis e justas, o objetivo é solucionar os gargalos deixados pelo processo de globalização, estabelecido pelo sistema capitalista (MANCINI, 2008).

Neste contexto, para muitos a economia solidária é um movimento utópico num mundo capitalista, mas vem demonstrando, a cada dia, ser o diferencial e está baseado no interesse coletivo, sem, com isso privar seus participantes das faculdades da decisão pessoal. Para Singer (2002) “A economia solidária é o outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”. (SINGER, 2002, p. 10).

Segundo Lisboa (2004), mesmo considerando os princípios da economia solidária, não é possível abstrair do mercado. O que muda é a percepção de valores, tais como preços justos ao invés de lucro maximizado. Ganho social ao invés de ganho individual. As organizações que aderem a estes conceitos, assumem e denominam-se solidárias. Para Arroyo e Schuch (2006), a organização da produção no sistema solidário emerge da base para o topo e com isso permite a melhoria da qualidade de vida de todos os entes envolvidos, baseado nos princípios da cooperação e da solidariedade.

O interesse pela constituição de formas organizativas de trabalho baseadas no associativismo, no cooperativismo e no mutualismo sempre estiveram presentes nos

projetos e realizações referentes às mais diversas sociedades. Desde os grupos primitivos, que se dedicavam a atividades coletivas de caça, pesca, criação de animais e agricultura rudimentar, tendo como motivação primordial a luta pela sobrevivência, os homens vêm se desenvolvendo através de diversificadas iniciativas de trabalho relacionadas às mais diversas formas de integração. (LISBOA, 2005).

Desta maneira, destaca-se que a Economia Solidária é uma prática regida por valores diferenciados da economia capitalista, onde a autogestão, democracia, cooperação, solidariedade, respeito à natureza, promoção da dignidade e valorização do trabalho humano, sustentam a proposta de um projeto de desenvolvimento local, sustentável, global e coletivo. (SOUZA; SANCHES, 2015).

No Brasil, a economia solidária deu grande salto a partir de sua institucionalização, com a criação do Senaes (Secretaria Nacional de Economia Solidária), em 2003, no início do governo Lula. A partir deste momento, a economia solidária cresceu e se expandiu através de instituições e entidades que passaram a apoiar e organizar iniciativas associativas comunitárias, também a constituição e articulação de cooperativas populares, redes de produção e comercialização, feiras de economia solidária, entre outras. (SENAES, 2015).

Contudo, antes de abordar a pesquisa é necessário fazer uma breve apresentação, das feiras e a sua relação com a economia solidária.

## **2.1 FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**

A emergência de formas alternativas de interação entre produtores e consumidores vem sendo impulsionada nas últimas décadas e, está relacionada à crescente preocupação de produtores e consumidores conscientes, com a procedência e manipulação de alimentos, ao potencial para novas demandas por produtos de qualidade sem a chancela de certificações oficiais. Deste modo, se ampliam os dispositivos mercantis que permitem fazer a re/conexão entre consumo e produção. Dentre estes, as feiras livres de economia solidária vem ocupando um espaço que permite engendrar diferentes relacionamentos entre produtores e consumidores, com diferentes convenções e construções sobre qualidade dos produtos comercializados (FERRARI, 2014).

Estas mudanças na forma de ascender ao mercado para os produtores artesanais têm sido cada vez maiores. Há pouco tempo atrás, o produtor realizava a produção de produtos alimentares e artesanais em sua propriedade utilizando-se de recursos naturais,

insumos, máquinas e equipamentos disponíveis. Não era necessário preocupar-se com o destino do que foi produzido, pois havia acordo entre produtor e intermediários, que vinham até propriedade buscar os produtos e se encarregavam em efetuar a distribuição junto ao mercado consumidor.

Esta forma de comercializar começou a dar sinais de exaustão à medida que os produtores perceberam que apesar de estarem produzindo mais e mais, as margens das sobras são cada vez menores, sobre os valores efetivamente comercializados. Isso decorre em função de que os atravessadores acabavam ficando com a parte maior do valor dos produtos e os produtores com fatia menor de todo o processo. Segundo Ploeg (2008), estas formas alternativas de mercado vem na contramão às *commodities* controladas pelos “impérios alimentares” que consolidaram-se no mundo nas últimas décadas.

Outra questão para os pequenos produtores é que ao venderem seus produtos para os intermediários se perdia sua identidade junto ao consumidor, pois o contato que poderia ser estabelecido em função dos atributos não poderia ser repassado. Ou seja, se perdia a oportunidade de divulgar os saberes e os sabores da cultura local através de seus produtos e acabavam perdendo a identidade cultural.

Além disso, ressalta-se o comportamento cada vez mais segmentado dos consumidores que vêm buscando produtos que lhes ofereçam diferenciais em relação aos produtos tradicionais comercializados no mercado. Buscam produtos artesanais (coloniais), produzidos sem conservantes e aditivos químicos, feitos artesanalmente em que a garantia de procedência e de qualidade, geralmente é a repassada através de recomendações de amigos e conhecidos que adquirem os produtos.

A produção de alimentos e artesanatos sempre esteve presente nas rotinas diárias das propriedades e culturas locais. Mesmo com a intensificação tecnológica, em que houve aumento da produção e da produtividade em escala, se manteve grandes contingentes de produtores tradicionais em mercados alternativos. Esta hipótese de que os agricultores e artesãos são avessos ao mercado ou a tecnologia é no mínimo preconceituosa, pois estão constantemente em busca de novas formas alternativas para dar vazão às suas produções.

Entretanto, para que os produtores rurais e artesãos obtenham resultados que lhes permitam auferir resultados positivos em suas atividades é necessário que atinjam o mercado consumidor diretamente, encurtando assim a cadeia produtiva e proporcionando ainda um ganho aos consumidores, por meio do comércio justo e, principalmente, pela qualidade dos produtos ofertados. Para que isso seja possível, é necessário que se busque

(ou se construa) espaços de comercialização de forma coletiva, pois individualmente não se terá condições de se estruturar para atingir tais objetivos.

Neste sentido, as feiras de economia solidária têm impulsionado uma demanda crescente por produtos tradicionais e orgânicos, levando agricultores familiares e artesões a aumentar e diversificar a produção de seus produtos e pontos de venda. Estes aspectos positivos propiciados pelas feiras possibilitam maior autonomia e participação das famílias e do grupo como um todo nas decisões sobre o que, quando e o que vai produzir. Além disso, a feira proporciona o estabelecimento de novas formas de relações entre as famílias envolvidas e, através da venda direta, entre produtores e consumidores. Esse contato com o consumidor permite a construção de relações de amizade que possibilitam relações de confiança quanto à qualidade, à procedência, ao reconhecimento e a valorização da organização de produtores (LOUREIRO, et al., 2012).

Além disso, o contato direto estabelecido entre produtores e consumidores, permite a troca de informações que auxilia o produtor no planejamento de sua produção, com base na demanda. Segundo Sato (2007), feira significa festa, nas famosas feiras da Idade Média – que se assemelhavam às feiras atuais – reuniam mercadores de diversos locais em datas de festas religiosas, ocasiões nas quais os comerciantes faziam seus negócios. Na feira é possível divulgar mensagens sobre os alimentos, através de conversas, nos encontros, evitando a utilização de apelos comerciais para atrair consumidores.

As relações de amizade são reforçadas a partir das feiras, com isto, a comercialização vai além de seus aspectos mercantis, se constitui também como um espaço cultural, educativo e de troca de informações, no sentido de enriquecer e de fortalecer as relações sociais de confiança. Portanto, as relações estabelecidas na feira garantem agilidade na transmissão de informações e uma notável adaptabilidade em seu funcionamento. Um mesmo feirante pode ter sua banca (barraca) com feições bastante diferentes dos demais em uma mesma feira. A auto-regulação é garantida pelos próprios feirantes à luz do ambiente social, cultural e econômico no qual a feira é instalada (SATO, 2007).

A confiança nas relações é composta por dois componentes essenciais: conhecimento e crença. Nesses termos, a confiança dos consumidores pode ser reforçada através da qualidade dos alimentos consumidos que é multidimensional, ou seja, pode estar vinculada a questões como identidade, natural, saudável, gosto, tradição. Desta forma não é inerente a um produto, mas é dependente do contexto, ou seja, qualidade é algo construído, é um processo social. Portanto, qualidade combina materialidade e simbolismo,

já que, ao mesmo tempo em que ela pode ser nutricional e higiênica, pode ser cultural, ambiental e social. (FERRARI, 2014).

As noções de enraizamento social dos produtos e “relações de respeito” são utilizadas, segundo o autor, para mostrar a força dos laços de interação pessoal entre pequenos produtores de alimentos artesanais e seus consumidores e os benefícios que surgem a partir de transações que vão além de avaliações estritamente financeiras. A formação de redes de variedades de diferentes produtos e materiais tem oportunizado a pequenos produtores a venda de seus produtos através dos mercados locais, especialmente feiras livres. Ainda, o crescimento de transações “face a face” tem estimulado o desenvolvimento destes mercados alternativos, oferecendo uma produção com alto grau de *embeddedness* (qualidade, localidade, natureza) trocada dentro de transações marcadas por fortes relações interpessoais. (FERRARI, 2014).

Buscar compreender outros modos de concepção da economia e suas relações torna-se relevante. Outras formas de produção que permitam refletir sobre quais bens e serviços devem ser produzidos, suas características e sentidos. A questão deixa de ser apenas relativa à eficiência produtiva, relacionando-se também com a vida e com a liberdade. Como ressalta Sen (2000), as pessoas não devem avaliar somente as características objetivas dos produtos, também devem levar em conta a sua participação no próprio ato de escolher e seus reflexos socioeconômicos. A eficiência não pode ser o único critério para se produzir e consumir.

Em suma, as feiras de economia solidária são espaços de socialização e cultura, articulam num mesmo espaço produção e comercialização, gera significados múltiplos nas relações de troca. Além de viabilizar o comércio local e proporcionar geração de trabalho e renda, são lugares de articulação política, reprodução da cultura e da identidade de um território. Por isso, são espaços privilegiados que guardam grande potencial para ações coletivas, fortalecendo as organizações e redes cooperação.

Contudo, antes de abordar a pesquisa propriamente, é necessário uma breve apresentação, das cooperativas descentralizadas em Santa Catarina e a sua relação com a economia solidária.

## **2.2 COOPERATIVAS DESCENTRALIZADAS**

Antes de abordar-se as cooperativas descentralizadas, deve-se fazer uma distinção entre cooperativismo tradicional e as cooperativas descentralizadas. As cooperativas

tradicionais encontram-se presentes nas mais diversas atividades rurais, principalmente aquelas ligadas à produção de commodities agropecuária, caracterizadas pela produção em larga escala de produção e na padronização dos produtos, com preços pré-determinados no mercado internacional e voltadas em muitos casos para exportação (EID; CHIARIELLO, 2007). É um sistema orientado pelos indicadores de produtividade, eficiência técnica e econômica pautado nos resultados e nas centralizações da decisão e das sobras.

Já as cooperativas descentralizadas, neste sentido, representam uma quebra de paradigma organizacional, cultural, econômico e produtivo ao fugir da ideia majoritária de que para se constituir uma cooperativa necessita-se de grandes instalações e altos investimentos em infraestrutura (ESTEVAM et al., 2011). Este modelo de cooperativa permite aos pequenos produtores rurais legalizarem suas atividades, diversificar a produção e aceder ao mercado. Organizados desta forma, os agricultores conseguem comercializar seus produtos formalmente em espaços do mercado institucional (público), feiras e em pequenos comércios locais (ESTEVAM et al., 2012).

Cabe destacar que as cooperativas descentralizadas, na sua constituição, recebem o mesmo tratamento legal das cooperativas tradicionais, tais como: o número mínimo de vinte sócios para a fundação; registro em juntas comerciais; inscrição na receita federal e estadual; assim como, todos os demais registros necessários em decorrência de cada ramo de atividade. Cabe à cooperativa viabilizar a comercialização na sua sede (quando existir), nas Feiras de Economia Solidária ou diretamente no comércio local e para os Programas Institucionais (ESTEVAM, et al., 2014; MIOR, et al., 2014).

As cooperativas descentralizadas quando comparadas as estruturas das cooperativistas tradicionais apresentam vantagens, por serem mais flexíveis e adequadas para atender as especificidades da agricultura familiar, ao possibilitar o contato direto entre produtores e consumidores, eliminando a figura do atravessador, que reduz drasticamente as sobras dos agricultores familiar e encarece os produtos aos consumidores o que torna o processo menos vantajoso para ambos. Além disso, como se trata de pequenas estruturas organizacionais, a autonomia de cada cooperado é respeitada e o processo de decisão se torna democrático e participativo.

Para situar a discussão a primeira cooperativa inspirada neste modelo, na região Sul Catarinense foi a Coofanove (Cooperativa de Agricultores Familiares de Nova Veneza - SC), fundada em 2004. Após esta primeira experiência, outras foram criadas na região: a Cooperativa Nosso Fruto de Criciúma - SC, a Coopafi (Cooperativa de Produção Agroindustrial dos Agricultores Familiares de Içara – SC), a Coonafor (Cooperativa de

Produção Agroindustrial dos Agricultores Familiares de Forquilha - SC) e a Coaff (Cooperativa de Agricultura Familiar de Morro da Fumaça - SC), entre outras.

Nesta forma de organização coletiva, a busca não é pela escala de produção de produtos comoditizados ou pelo lucro, e sim pela proposta de diferenciação dos produtos e na cooperação e distribuição justa das sobras. A produção busca atender a nichos de mercado, com a intenção de manter os saberes e os sabores dos produtos artesanais e a própria cultura da região onde são produzidos e comercializados.

Em pesquisas realizadas por Estevam, et al., 2014; Mior, et al., 2014, foi verificado que numa mesma cooperativa são produzidos mais de cinquenta produtos diferenciados. E, também em termos de comercialização, a produção pode ser comercializada de diversas formas, desde a venda para o mercado tradicional, Programas Governamentais, feiras de economia solidária, dentre outras maneiras. Uma forma que vem ganhando força atualmente é a venda através de feiras populares e solidárias.

No item a seguir, será discutido sobre a criação e o funcionamento da FES/Unesc.

### **3. FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA UNESC (FES/UNESC): DA CONCEPÇÃO A REALIDADE**

A Unesc está localizada no município de Criciúma, sul do Estado de Santa Catarina. A Fucri (Fundação de Criciúma) é a mantenedora da Unesc que foi primeira escola de nível superior criada no Sul de catarinense. A Fucri foi criada pela lei municipal nº 697, de 22 de junho de 1968.

Em outubro de 2014, a instituição foi oficialmente reconhecida como Universidade Comunitária por meio da portaria nº 635 do MEC (Ministério da Educação). Consideram-se como instituição comunitária da educação superior, aquelas que não possuem finalidade lucrativa e que aplicam seus resultados dentro da própria atividade educacional.

Atualmente, a Unesc esta dividida em quatro Unidades Acadêmicas (UNAs): Unacet (Unidade Acadêmica de Ciências, Engenharias e Tecnologias), Unacsa (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas), Unahce (Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciência e Educação) e, Unasau (Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde).

Dentro da Unacsa estão estabelecidos três programas institucionais de extensão: o Paes (Programa de Ações em Economia Solidária), o Pope (Programa de Orientação ao Pequeno Empreendedor) e, o Pedic (Programa de Extensão em Direito e Cidadania).

O Paes dentro da Unacsa desenvolve atividades com base nos princípios da economia solidária e a sua institucionalização ocorreu em 2008. Embora a discussão para a sua criação tenha sido iniciada bem antes, em 2005. O Paes foi criado com o objetivo de estimular a inclusão produtiva, a organização social e comunitária, com ênfase nos pressupostos da Economia Solidária e nos princípios de autogestão, abrigando projetos e ações de extensão. Em seu período de existência já foram aprovados e desenvolvidos, mais de uma dezena de projetos de extensão, atualmente são dois projetos em execução com vigência até o início de 2016. O Programa desenvolve pesquisa em parceria com Gidafec (Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Socioeconômico, Agricultura Familiar e Educação do Campo). E também, coordena o Fórum Regional de Economia Solidária, com encontros mensais que busca fortalecer e apoiar ações em Economia Solidária na região, e tem ligação direta com o FCES (Fórum Catarinense de Economia Solidária) e com o FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária).

### **3.1 Feira de Economia Solidária da Unesc – FES/UNESC**

A FES/Unesc foi concebida desde a implantação do Paes (Programa de Apoio a Economia Solidária da Unesc), por professores e acadêmicos da Unesc. Entretanto, somente a partir de 2011 que o projeto da FES/Unesc começou a ser concretizado, numa soma de esforços envolvendo representantes de cooperativas descentralizadas, membro de associações de artesãos, Epagri, Prefeituras, em que se viabilizou a realização de uma feira de economia solidária no campus da Unesc em 2011.

Como resultado desta rede de cooperação foi possível a realização de duas Feiras de Economia Solidária no campus da Unesc que tiveram duração de três dias cada uma, realizadas respectivamente, em 2011 e 2012. Nestas Feiras participaram cooperativas descentralizadas e associações de artesões da Região do Sul Catarinense. O objetivo da realização destas Feiras no Campus da Unesc foi mobilizar e conscientizar a comunidade acadêmica e os Empreendimentos de Economia Solidária da Região sobre a necessidade e importância de se ter uma feira semanal no campus da Universidade.

Como resultado destas duas edições pode se chegar ao formato da feira de economia solidária atual, a qual foi instalada no campus da Instituição e continua presente. No dia 03 de outubro de 2012, foi assinado um convênio entre os representantes dos empreendimentos de economia solidária da Região e da Reitoria da Unesc, em que foram estabelecidos os critérios de funcionamento da feira. A finalidade do convênio foi

implantar uma feira de economia solidária com periodicidade semanal no campus da Unesc. Depois da assinatura do convênio, ainda no mesmo ano, foram realizadas quatro edições da feira. Daí em diante teve continuidade no ano de 2013, funcionando semanalmente, todas as quartas-feiras, das 14h às 22 horas, continuou durante todo o ano de 2014, atualmente continua funcionando no mesmo dia e horário, com a participação de doze empreendimentos, divididos entre cooperativas descentralizadas e associações de artesões.

Em sua concepção, diversos objetivos foram definidos para a FES/Unesc, entretanto, ressaltam-se os aspectos da comercialização no Campus que foi importante, ao possibilitar o contato direto os produtores (cooperados e artesões) e os consumidores (comunidade acadêmica), encurtando a distância entre ambos, diminuindo o número de agentes de intermediação. Outro resultado importante da FES/Unesc foi o contato entre os próprios empreendimentos ao poder praticar e aprofundar as noções de cooperação e solidariedade, pois começaram a perceber que individualmente é mais difícil de sobreviver e que a cooperação é fundamental para a sobrevivência de todos. Este resultado pode ser constatado de diversas maneiras, alguns empreendimentos comercializam os mesmos produtos na FES/Unesc, mas em nenhum momento houve divergências de preços que são combinados entre si. Atualmente, o clima é de solidariedade entre os mesmos, a percepção que o outro não é concorrente, mas parceiro e cooperantes. Ainda, ressalta-se que partir da criação da FES/Unesc, os feirantes sentiram-se valorizados e encorajados a criarem feiras em seus municípios de origens, várias feiras municipais já estão em funcionamento na região e os participantes da FES/Unesc participam de outras feiras na região.

Se por um lado, a troca de experiência entre os cooperados e comunidade acadêmica é considerada um dos pontos fortes da FES/Unesc, por possibilitar contatos diretos e trocas de experiências, através de conversas mantidas que oportunizam novas descobertas e respostas para muitas questões dos feirantes. Por outro lado, os consumidores têm a possibilidade de adquirir produtos diretamente dos empreendimentos, os quais são produzidos na região, além de conhecer e valorizar a cultura local, contribuem na preservação do meio ambiente, na geração de emprego e renda por meio de práticas do consumo solidário.

Em relação ao projeto de extensão em andamento, se tem como foco a conscientização tanto de feirantes quanto a comunidade acadêmica sobre a comercialização de produtos numa perspectiva da economia solidária. Além disso, capacitar os feirantes, sobre técnicas de atendimento, legislação tributária, ambiental e sanitária. E, também

promover palestras e viagens de estudos, os empreendimentos podem expandir seus conhecimentos para aplicá-los em seus negócios.

Os critérios para participar da FES/Unesc, os feirantes devem pertencer a um empreendimento classificado como de economia solidária, dentro dos critérios do Senaes, além disto, se adequar ao regimento interno, em que constam direitos e deveres dos empreendimentos. Destacam-se como empreendimentos de economia solidária no regimento: Cooperativa de produção da agricultura familiar e de artesões e/ou Associação, Grupos formais ou não; fornecer produtos da agricultura familiar ou artesanal da região; ter produtos característicos de economia solidária. Além disto, é necessário ter frequência de mínima anual de 75% (setenta e cinco por cento). Caso algum destes requisitos supramencionados não seja cumprido, o empreendimento deixa de participar da FES/Unesc. A decisão de des/credenciar é sempre do Fórum de Economia Solidária.

Para participar da FES/Unesc, os empreendimentos devem apresentar sua intenção ao fórum por escrito que é analisado e aprovado (ou não), somente com a aprovação que os feirantes podem fazer parte da FES/Unesc. Os feirantes devem trazer e montar suas barracas no horário estabelecido, preparar seus produtos para exposição, cabe a Unesc fornecer o espaço e energia elétrica aos empreendimentos. Ao final de cada feira, o feirante deve desmontar a barraca e organizar o local. As demandas identificadas pelos bolsistas ou professores durante o acompanhamento semanal da feira, transformam-se em pautas de discussões nos fóruns de economia solidária. Todas as ações, antes de serem executadas, são aprovadas na plenária do fórum. A FES/Unesc vem apresentando resultados positivos durante os anos de sua realização. Este fato pode ser comprovado pelo aumento do número de empreendimentos e de consumidores que vem aumentando ano a ano. Isso comprova que a economia solidária é um processo de aprendizagem ao possibilitar tanto a conscientização de consumidores quanto de feirantes.

A novidade em relação a FES/Unesc a partir de 2014 foi a parceria estabelecida, entre o Paes e o Curso de Nutrição da Unesc. O objetivo é fortalecer os laços de confiança entre Feirantes e a comunidade acadêmica. Vive-se num mundo de dúvidas e incertezas sobre a qualidade dos alimentos consumidos e o envolvimento de acadêmicos e professores deste curso, se reveste de grande valia no despertar da consciência sobre a importância da segurança alimentar e nutricional, juntamente com a disseminação dos princípios da economia solidária na Comunidade acadêmica. E, também, para os produtores reforçar a confiança da relação estabelecida com os consumidores, através da rotulagem nutricional dos produtos comercializados. Na atualidade, sabe-se da importância da informação

nutricional para a promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional, para atingir este objetivo, o Curso de Nutrição tem elaborado as informações nutricionais para os rótulos dos alimentos produzidos pelos feirantes e comercializados na FES/Unesc.

Esta parceria se reveste de grande importância ao reforçar os aspectos saudáveis e na valorização dos produtos dos feirantes, que passaram a disponibilizar deste reforço na certificação da qualidade. Esta interação entre professores e acadêmicos é um importante meio de comunicação entre consumidores e os empreendimentos. Por meio das informações nutricionais, o consumidor fica inteirado sobre a composição nutricional de cada produto que está ingerido, tanto nos aspectos quantitativos quanto qualitativos dos nutrientes presentes nos alimentos. Desta forma o consumidor tem a opção de fazer escolhas alimentares mais adequadas e que colaborem para a promoção de saúde (CÂMARA et al., 2008).

Para a elaboração das tabelas nutricionais, as informações são obtidas junto aos produtores da FES/Unesc, em que são requeridas as receitas, além de amostras dos produtos, para confeccionar as informações nutricionais. Com as receitas dos produtos são calculado os valores nutricionais dos ingredientes, usando a Tabela Brasileira de Composição de Alimentos (TACO). Depois de calculados os valores nutricionais dos ingredientes da receita, calcula-se a porção do produto com base na RDC nº 359 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e do Manual de Orientação sobre Rotulagem Nutricional Obrigatória, ambos elaborados pela ANVISA. Em seguida são calculadas as porções e confeccionadas as informações nutricionais para a porção com a respectiva porcentagem da recomendação diária dos nutrientes (CÂMARA et al., 2008).

Já foram confeccionadas tabelas de informação nutricional para as trufas de diversos sabores, produtos de panificação e confeitaria, entre outros. Cada laudo é emitido e entregue ao produtor, no caso das trufas, o laudo contém o sabor, o valor energético, a quantidade de carboidrato, proteína, lipídeo, fibras e sódio da porção, além da respectiva porcentagem recomendada para ser consumida diariamente; os ingredientes, informações sobre a presença ou ausência de glúten e uma foto ilustrativa da porção; sendo que a porção média de cada trufa foi de aproximadamente trinta gramas.

Além dos rótulos com as informações nutricionais, já entregues, estão sendo confeccionadas tabelas com informações nutricionais de outros produtos comercializados na FES/Unesc. O objetivo é elaborar as tabelas para todos os produtos dos feirantes que não possuem a informação nutricional de seus produtos nos rótulos, além de conferir e/ou atualizar os demais.

Esta parceria com o Curso de Nutrição reforça a garantia de que os produtos consumidos na feira são de qualidade. A confiança na qualidade dos produtos, os resgates de um passado de tradições são materializados nos alimentos que fazem a re/conexão destes com suas raízes culturais da região. Desta forma os produtos ofertados na Feira são carregados de valores culturais que cada vez mais atraem a preferência e gosto de consumidores conscientes ao considerarem a qualidade dos produtos um atributo inegociável, mesmo porque em sua maioria os produtos são produzidos artesanalmente ou são agroecológicos.

Por fim, a FES/Unesc tem a finalidade de promover a conscientização da comunidade acadêmica (são mais de dez mil pessoas que transitam no campus da Unesc diariamente) sobre os princípios da Economia Solidária, do comércio justo, da produção sem exploração de trabalho, na preservação da cultura local, na preservação do meio ambiente como prerrogativa principal de produção, na questão da melhoria da qualidade de vida das pessoas em função de consumir produtos de melhor qualidade, no desenvolvimento social, uma vez que ao obterem renda, os produtores conseguem socializar com seus pares os ganhos obtidos e assim todos viverem melhor.

No desenvolvimento dos projetos de extensão são realizados encontros semanais entre os docentes e os bolsistas, para discutir textos sobre o tema proposto no projeto. São utilizadas todas as metodologias extensionistas conhecidas, tais como: visitas, reuniões, excursões, cursos, participação em seminários e outras formas de possibilitar o aprendizado proposto.

Neste sentido, a criação da FES/Unesc houve a necessidade da construção de um fórum de debate, em que fosse possível discutir as necessidades e as ações que devem ser tomadas para resolver os problemas inerentes à feira, as formas alternativas de mercado e às dificuldades que surgem no dia-a-dia. Desta forma foi criado o Fórum de Economia Solidária da Região Sul do Estado de Santa Catarina, em que são discutidos os assuntos inerentes a feira e a Economia Solidária.

### **3.1.1 Fórum de Economia Solidária da Região Sul Catarinense**

O Fórum de Economia Solidária da Região foi criado como um espaço democrático e participativo, no qual são tratados assuntos ligados à FES/Unesc, feiras municipais, Empreendimentos de Economia Solidária e assuntos gerais sobre economia solidária regional. Diversas entidades e instituições têm assento na plenária do fórum, tais

como o Paes e projetos de extensão, Epagri, Conselho Municipal de Segurança Alimentar de Criciúma (COMSEA), Cáritas Diocesana, Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (AFASC), Associação de Artesões de Criciúma, Colônia de Pesca Z33 e a Associação de Mulheres do Mirassol do município de Balneário Rincão, a Associação de Mulheres Artesãs da Comunidade de Coqueiros, a Cooperativas descentralizadas da Região e representantes da Prefeitura Municipal de Criciúma.

As reuniões ordinárias do Fórum ocorrem mensalmente na primeira quarta-feira de cada mês, das 14 as 16 horas, junto a FES/Unesc. A coordenação do fórum é conduzida pelo Paes, que elabora previamente a pauta e envia por email aos representantes os temas a serem abordados na plenária. Como forma de fortalecer e divulgar os princípios da economia solidária, no início de cada reunião sempre acontece um momento de formação, em que por alguns minutos se discute um tema específico relacionado com o assunto. Em seguida discute-se questões estruturais e de gestão da feira, onde busca-se dar encaminhamentos e orientações para a resolução de questões referentes ao funcionamento da FES/Unesc. Abordam-se, ainda, assuntos diversos ligados à economia solidária, como apoio a novos grupos em formação, participação de empreendimentos na FES/Unesc, em outras feiras e eventos e cursos.

O fórum é ainda ponto de referência para a realização da Conferência Regional de Economia Solidária, em que segue-se uma metodologia própria da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), para escolha dos delegados regionais que representarão a região na Conferência Estadual de Economia Solidária e de onde são escolhidos os delegados estaduais para participar de Conferências Nacional de Economia Solidária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o presente artigo buscou-se abordar aspectos pertinentes a FES/Unesc, articulando o debate a respeito da economia solidária, com os empreendimentos de economia solidária em suas diversas formas organizativa, seja através de associações de artesões, cooperativas descentralizadas, e as formas de como estes empreendimentos vem traçando suas estratégias para alcançar novas oportunidades de mercado.

Dentre as características dos produtos comercializados na FES/Unesc pode-se citar a qualidade, a diversidade de produtos, o sabor colonial, o uso de menor quantidade de insumos industrializados, os atributos culturais e as receitas tradicionais, com forte apelo ao local (origem do produto).

Entretanto, para que estes produtos alcancem os consumidores, é necessário que estejam disponíveis em locais em que os consumidores adeptos ao comércio justo e que estejam dispostos a pagar um valor adicional pelos atributos acima citados. Os locais mais indicados e que tem maior adesão deste tipo de consumidor são as feiras. Na cidade de Criciúma a feira de economia solidária que acontece semanalmente no campus da Unesc, onde agricultores familiares e artesãos ofertam estes produtos diferenciados. A feira ocorre semanalmente das 14 às 22 horas. Paralelo à feira é realizado mensalmente o fórum de economia solidária, no horário das 14hs às 16 horas, em que são discutidos assuntos relativos ao tema e questões relativas a economia solidária.

A FES/Unesc tem encurtado a distância produtores e consumidores, ao diminuir os agentes de intermediação. Outro resultado importante da FES/Unesc foi o contato entre os próprios empreendimentos ao poder praticar e aprofundar as noções de cooperação e solidariedade. A partir da criação da FES/Unesc, os/as feirantes sentiram-se valorizados e encorajados a criarem feiras em seus municípios de origens, várias feiras municipais já estão em funcionamento na região.

Desta maneira, a FES/Unesc e o Fórum de Economia Solidária mostram-se como instrumentos valiosos que contribuem no processo de consolidação desta nova forma de inserção no mercado.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, J. C. T.; SCHUCH, F. C. **Economia popular e solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CÂMARA, Maria Clara C. et al. A produção acadêmica sobre a rotulagem de alimentos no Brasil. **Revista Panam Salud Publica**, S.l, v. 1, n. 23, p.52-58, jan. 2008. Anual. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v23n1/a07v23n1>>. Acesso em: 23 mar. 2015.
- EID, F.; CHIARIELLO, C. L. **A economia solidária diante do debate entre os pensamentos liberal e marxista contemporâneo sobre a organização do trabalho nas cooperativas**. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, Salvador. Anais, v. 1. p. 1-10. 2007.
- ESTEVAM, D. O. et al. Cooperativismo virtual: o caso da cooperativa de produção agroindustrial familiar de Nova Veneza (COOFANOVE), em Santa Catarina. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.28, n.2, p.485- 507, maio/ago. 2011.
- ESTEVAM, D. O. et al. Cooperativas rurais não-patrimoniais (ou virtuais) e o difícil caminho da formalidade: o caso dos agricultores familiares da região sul do estado de Santa Catarina. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 5, n. 2, p 01-18. 2012.

ESTEVAM, D. O.; SALVARO, G. I. J.; LANZARINI, J. J. S. O perfil socioeconômico dos/as consumidores/as das feiras livres municipais da agricultura familiar na região sul catarinense. In.: ESTEVM, D. O.; MIOR, L. C. **Inovações na agricultura familiar**. Florianópolis: Insular, 2014.

FBES. **Carta de princípios da economia solidária**. Brasília: Seanaes, 2015. Disponível em: <[http://www.fb.es.org.br/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=63](http://www.fb.es.org.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=63)>. Acesso em: jan. 2015.

FERRARI, Dilvan L. Entre a dádiva e o mercado: as trocas nas feiras livres. In.: ESTEVM, D. O.; MIOR, L. C. **Inovações na agricultura familiar**. Florianópolis: Insular, 2014.

LISBOA, A. M. **Economia solidária e autogestão: imprecisão e limites**. Revista de administração de empresas, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 109-115. 2005. Disponível em: <[http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590\\_S0034-75902005000300009.pdf](http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75902005000300009.pdf)> Acesso em: 24 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. **Economia Solidária Hoje: Significado e Perspectivas**. Florianópolis - SC: Departamento de Economia da UFSC – Texto para discussão nº 05/2004. Disponível em: <<http://www.cse.ufsc.br/~gecon/textos/2004/armand05-04.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2015

LOUREIRO, M. O. et. al. Feiras livres e mercados institucionais: a Rede Ecovida e a construção de circuitos de comercialização para produtos agroecológicos. Vitória/ES: **50<sup>a</sup> Congresso da Sober**, 2012. Anais.

MANCE, Euclides André. **Constelação Solidarius: as fendas do capitalismo e sua superação sistêmica**. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

MIOR, L. C. et. al.,. **Inovações organizacionais da agricultura familiar: as agroindústrias e cooperativas descentralizadas no sul catarinense**. Goiânia/GO: 51<sup>a</sup> SOBER, 2014.

MOTTA, F. C. P. et al. **Ensaio sobre autogestão**. São Paulo: Babel Cultural 1987.

PLOEG, J. D. V. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na Era da Globalização**. Porto Alegre. UFRGS Editora, 2008.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000400013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai.2015.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 409 p.

SINGER, P. I. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, A. R.; SANCHEZ, F. J. B. **Um decenal balanço empírico e político da economia solidária**. In.: Livro de Atas do 1<sup>o</sup> Congresso da Associação Internacional das Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, 2015. p. 690-704.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.